

Luis Fernando Orduz¹

Por Carlos Cesar Marques Frausino

Os tempos mudaram, mas há uma institucionalidade que parece não ter se interado disso e que enfrenta o presente, agarrada aos esquemas do passado.

Na primeira hora da manhã de um frio domingo, do inverno de 2015, a Alter conversou com o então presidente da Fepal, Fernando Orduz, sobre os seus projetos e a sua visão da/de psicanálise no nosso continente. Apesar do frio colombiano e brasileiro, o café da manhã foi saboroso. Uma boa conversa acerca da psicanálise e do futuro dessa área do conhecimento na região. Uma conversa por Skype, mas sem os obstáculos da comunicação virtual. O nosso diálogo poderia ser a transcrição de uma conversa em um café em Brasília ou em Bogotá, ou em outra cidade da América Latina.

Orduz é um psicanalista carismático, com uma forte formação cultural que utiliza várias áreas do saber humano no seu trabalho e está atento às mudanças do nosso tempo.

Alter: *Quem é Fernando Orduz? Conte-nos um pouco de sua trajetória de vida e sua trajetória psicanalítica e institucional.*

Luis Fernando Orduz: Minha vida passou primeiro pela formação médica, tendo consciência desde muito cedo de querer ser psicanalista (nesses momentos de minha vida, acreditava que ser psiquiatra e ser psicanalista era o mesmo). Quando faço minha mudança para a psiquiatria, no quinto e sexto semestre de graduação, descobri diferenças importantes. Mudo de carreira, vou para a psicologia, que, nessa época, tinha uma forte orientação psicanalítica (feito que mudou fundamentalmente na atualidade por uma visão entre cognitivo-constructivista e social). Na psiquiatria e psicologia, contei com professores que eram membros da Sociedade Colombiana de Psicanálise, isso contribuiu para me orientar nessa área. Ao terminar psicologia, realizei alguns estudos

¹ Presidente da Federação Psicanalítica da América Latina – Fepal (2014-2016).
E-mail: ordusolamente@hotmail.com.

distintos, uma formação em dança contemporânea, um mestrado em comunicação e cultura. Iniciei minha formação psicanalítica quando tinha uns 29 anos.

Concluída minha formação, não participei durante um bom tempo da vida institucional. Sustentei durante quase uma década um grupo de trabalho com alguns colegas e os menciono: Simon Brainsky e Alejandro Rojas. O primeiro, meu mestre, que morreu há uma década. O segundo, um analista brilhante, que hoje trabalha na Suíça. Eles mantiveram a chama e a inquietude analítica que não encontrava no interior de minha sociedade. Coincidindo com a morte de Brainsky, se dá uma mudança geracional na administração do poder institucional, por isso, começo a participar mais da vida científica de nosso grupo, dirijo a revista da sociedade por um tempo, chego à presidência da sociedade por um tempo, logo à presidência da sociedade e logo à Fepal. A Fepal entra na minha vida psicanalítica desde a presidência de Leopold Nosek até 2012 e, na verdade, gostei muito de conhecer nosso contexto latino-americano com o qual ainda não havia me relacionado, talvez pela visão institucional colombiana que não foi muito participativa desse movimento.

Alter: *Como chega a formação psicanalítica e a instituição que pertence à Fepal?*

Orduz: Foi a psicanálise que conheci. Na época de meus estudos de Medicina e Psicologia, só conheci mestres que participavam da IPA e da Fepal. Acredito que, nessa época, fim dos anos 70 e começo dos 80, a institucionalização destas instituições eram fortes. Logo veio a onda do *lacanismo* e as terapias alternativas. Nesse momento, já estava comigo o germe institucional IPA/Fepal, já fazia parte da Sociedade Colombiana de Psicanálise, embora também começasse a observar as rupturas típicas de nossas instituições.

Alter: *Você é uma pessoa ligada às artes, estudou dança contemporânea, é um professor na Faculdade de Artes, Diretor da Fundaurbana (Fundação que trabalha em Cultura e Cidadania). Diante dessa formação e atividades, como você avalia que a prática psicanalítica (teórica e clínica) pode se enriquecer dessas outras áreas do saber? Ademais, como o saber psicanalítico pode ser, também, um instrumento de promoção da cidadania, no nosso continente?*

Orduz: Há um texto de Freud que sempre me chamou atenção e acredito que seu título diz tudo: *O múltiplo interesse da psicanálise*. Neste texto, Freud delimita a psicanálise da medicina e deixa vislumbrar que os fenômenos que acontecem no humano têm muitas conexões com outras disciplinas como a estética, a história das civilizações, a filologia, a biologia (para mencionar algumas). A psicanálise deveria situar-se mais ao lado de uma visão humanista, nesse limite ou centro, onde convergem diversos conhecimentos.

Nesse sentido, nossa disciplina não cai no perigo das subdivisões e subespecializações que fragmentam a compreensão do ser humano, que nos levam a conhecer um só campo de aplicação. Muitas das compreensões de Freud estiveram amparadas na literatura: o homem de arena de Hoffman, a Gradiva de Jensen, as Memórias de Schreber. Um crítico literário, Harold Bloom, arrisca a hipótese de que Freud transcreveu a linguagem científica do pensamento de Shakespeare. A psicanálise é uma disciplina que emerge no contexto da Viena do final do século XIX e princípios do século XX, contexto neural das revoluções modernistas da arte, música, literatura, política e costumes.

Como filha de sua época, a psicanálise é vanguarda e crítica do movimento moderno/pós-moderno. O saber psicanalítico refletido em textos como o *Fim de uma ilusão* e o *Mal Estar na Cultura* nos deixa entrever um pensamento crítico de nossa forma de estar no social. A melhor forma de ser cidadãos é poder pensar em público, levar nosso olhar às discussões conjunturais que acontecem em nossos contextos (a reflexionar sobre as instituições tradicionais: a família, a escola, o casal, os produtos culturais etc.).

Alter: *Nos últimos anos, qual é a sua agenda de pesquisa e produção psicanalítica?*

Orduz: A pesquisa tem vários níveis. Em primeiro lugar, está o nível de trabalho clínico cotidiano, este no qual parecemos investigadores de novela policial, no qual todos os dias enfrentamos um enigma para resolver. É quando se constrói um caso em nossa mente e começamos a buscar leituras, a revisar nossos conhecimentos prévios.

Logo está esse nível de pesquisa, que é o da ordem das obsessões: conceitos, autores, enfoques. Mais além de nossos clínicos cotidianos, essas obsessões orientam nossas leituras. Se pudesse te resumir duas obsessões que tenho e que conduzem minhas pesquisas, minhas leituras, minhas reflexões sobre os pacientes são: o corpo e as paixões.

Alter: *Como vê o desenvolvimento da psicanálise (teórico e clínico) na América Latina? Temos um pensamento psicanalítico latino-americano?*

Orduz: Não sei te dizer se há uma escola de psicanálise latino-americana como tal. Na América Latina, consumimos as visões europeias e norte-americanas. Fato que duvido que se realize no sentido oposto (que eles nos leiam). Fruto dessas leituras, fizemos uma visão intercalada de diversos pensadores, de Freud, Klein, Bion, Lacan, Kohut e Stern, para mencionar alguns autores. Nesse sentido, acredito que a força de uma síntese de um pensamento analítico já a temos em nosso continente.

Para dar continuação ao manifesto antropofágico, nós devoramos o pensamento dos outros e, nessa metabolização, está nossa potência criativa. Mas também nossa realidade social, a forma como o modernismo (falo de processos artísticos e culturais) habitou em nosso continente, as mudanças sociopolíticas permanentes, tudo isso afeta,

queiramos ou não, nossas construções teóricas. Embora haja colegas que pensem que só na realidade íntima do consultório pode-se pensar em psicanálise, distante dos efeitos da realidade social, isso me parece algo “narcísico”.

Penso que tivemos pensadores muito criativos: Fabio Herrmann no Brasil, Pichon Riviere e Bleger na Argentina, Matte Blanco no Chile, somente para mencionar alguns. Há alguns anos, Jean Marc Tauszik e Denise Goldfajn vêm desenvolvendo um projeto denominado *Pensamento Psicanalítico Latino-Americano* onde buscam em cada país esses autores que deixaram marcas em nosso processo formador, indagando sobre quais são essas marcas.

Alter: *Após um ano como presidente da Fepal, o que mudou na sua percepção da psicanálise da América Latina?*

Orduz: *Tensão* seria a palavra que usaria, embora pudesse dizer que é uma noção universal cada vez mais nos referirmos a um processo institucional. Tensão entre um estilo de pensar a psicanálise que corresponde a uma ideia de tradição (conceito discutível já que muitas tradições não correspondem a planejamentos instituídos, senão a normas transitórias que uma instituição transforma em normas a-críticas e a-históricas) e outro estilo que se chamaria de invenção. Palavras que dominaram o congresso da Fepal realizado no Brasil.

Pelo lado do pensamento “jovem”, vejo uma necessidade de comunicação com os contextos sociais nos quais desenvolvemos nossa prática, uma busca de transformação no interior de nossos processos formadores, uma confrontação com as condições para exercer a prática que está distante dos ideais que se apropriam na formação. Os tempos mudaram, mas há uma institucionalidade que parece não ter se interado disso e que enfrenta o presente, agarrada aos esquemas do passado, transferência em sentido puro!!

Algo que me chama a atenção neste momento é a criação de algo que denominei produtos com a marca Fepal: *ILAP, Caliban, Bivipsil, los Working Parties*, que tampouco é que sejam invenção nossa.

A IPA esteve preocupada pela formação de novos grupos, portanto, assim como há um ILAP na América Latina, há um instituto semelhante na Europa que conseguiu a inclusão de muitos países novos (Europa do Leste) na IPA. Os W.P. vêm da Europa e é uma metodologia muito importante de trabalho clínico. Acredito que esta forma de trabalhar vai ser muito importante no contexto latino-americano. Caliban, Bivipsil, o Projeto do Pensamento Latino-Americano que te falava, todos eles indicam ao que estiveste indagando: que é, como é nossa forma de pensar a psicanálise na América Latina.

Alter: *Os modelos de formação (Eitington (inglês), francês e uruguaio), nos moldes da IPA, atendem à formação dos psicanalistas na América Latina, um continente onde a*

diversidade cultural e psicanalítica é a grande marca? Ou deveríamos caminhar no sentido de uma melhor adequação desses modelos às realidades locais?

Orduz: Oxalá possamos entrecruzar os três modelos. Penso que se tem administrados separadamente, em oposição à ideia de conjunção, que é a forma de proceder que estivemos planejando da América Latina. Às vezes, penso que toda riqueza de nosso pensamento se detém em nossos processos formadores. Entendo que, no Brasil, a maior parte dos institutos forma candidatos de acordo com o modelo Eitington.

Haveria que ter apostas de mudanças nos processos formadores. De fato, muitos institutos vêm realizando modelos de seleção (não de imposição) de seminários, introdução de novas formas de emprego de casos clínicos (como a metodologia W.P. que mencionei), o uso de intercâmbios virtuais com outras sociedades (supervisões com colegas de outros países via *Skype*, uso de vídeos ou *streaming* para transmitir congressos e simpósios), transformar o didatismo de um status em uma função.

Ter capacidade analítica é ter capacidade de estar repensando, todo o tempo, nossos fundamentos, é fazer dinâmicos nossos processos institucionais e formadores.

Alter: *Como avalia a participação dos analistas em formação na vida institucional das sociedades psicanalíticas?*

Orduz: A atual direção da Fepal está fazendo convites para a participação dos colegas em formação, para que participem em muitas das comissões de trabalho. A presidência da Ocal foi convidada pela primeira vez para participar de uma reunião da Fepal. Estamos pensando em normalizar um apoio financeiro para os analistas em formação para que assistam aos congressos, para que o Departamento de Comunidade e Cultura tenha, em sua comissão, membros da Ocal. Pouco a pouco, vamos transformando essa relação vertical que, no modelo tradicional, marcava distâncias de poder e comunicação entre as diversas condições das associações.

Alter: *Como vê a Fepal como um locus e um instrumento para o desenvolvimento da psicanálise na América Latina?*

Orduz: Minha ideia é que a Fepal se consolide como uma rede de intercâmbio científico entre as diversas sociedades do continente. Se cumprirmos o objetivo dela ser uma plataforma de intercâmbio, de comunicação, isso seria para mim o maior ganho.

Precisamos nos conhecer, não através das conferências de especialistas e sábios, precisamos intercambiar saberes e experiências entre colegas.

Alter: *Quais são os seus projetos para a Fepal?*

Orduz: Como te disse na pergunta anterior, meu projeto é fortalecer o intercâmbio científico entre as sociedades. A Fepal não tem maior representatividade no interior

de cada sociedade, isso é empenho local, mas o que se pode exercer é a função da transmissão de uma associação a outra. É a função do mensageiro: Chasqui, para dizer em uma língua indígena; Hermes, para dar uma conotação grega que tanto marca o nosso pensar.

Gerar redes me parece importante. Vamos buscar gerar uma rede de publicações da Fepal, acredito que, em algumas ocasiões, estamos mais interessados em publicar que em ler. Melhor dizendo, lanço a pergunta: Estamos, por acaso, nos lendo? *Bivipsil* é o projeto da Fepal que foi conduzido durante muito tempo por Ines Vidal e Silvia Wajnbuch, é a coleção virtual de todas as revistas. Essa ideia de poder ter, em rede, todas as revistas, livros e diversas publicações, parece-me vital para a nossa instituição fepalina.

Mas, da mesma forma, estamos pensando organizar uma rede de trabalho com crianças e adolescentes, com comunidade e cultura, e outra que congregue as atividades acadêmicas (especializações, mestrados, doutorados) que oferecemos em nossas organizações.

Alter: *Como está a relação da Fepal com as demais Federações internacionais?*

Orduz: Falo do presente, do que vivi nestes últimos meses. Foi uma comunhão de ideias. Em algumas respostas te digo que há preocupações mundiais na psicanálise. Acredito que estamos vivendo situações semelhantes, com procuras semelhantes. Neste momento, há um projeto que centralizou nosso trabalho e discussões: a criação do *e-journal*. Um formato virtual de comunicação da psicanálise. Historicamente se acreditava que o *International Journal of Psychoanalysis* era um órgão oficial da IPA e, na realidade, é uma revista de um grupo privado em associação com a Sociedade Britânica. Quer dizer, não havia uma publicação da IPA, nem das federações.

Alter: *Em 2015, havia, aproximadamente, mais de 1.500 analistas em formação na América Latina. Quantos somos (membros de sociedades e candidatos) do nosso continente e no âmbito da IPA?*

Orduz: No âmbito da IPA, de acordo com o registro das eleições para presidente da instituição, eram 12.632 membros com direito a voto. (Entre outros votaram 3.552, não alcançou nem 30% de participação, imagino que um pouco menor é a presença de membros no congresso internacional). Na Fepal, de acordo com o mesmo contingente para as eleições da IPA, somos 3.345 (votamos 1.383, mais de 40%). Mas, se pergunto à secretaria executiva da Fepal, ela me diz que somos 2.800.

Não me pergunte o porquê da diferença. Ainda não sei e, a propósito de tua pergunta, estou tentando esclarecer esta situação. Das três federações, somos a menor em números de integrantes (há uma diferença muito pequena com os americanos, que

são 3.433). Não sei como são as contas se comparamos as diferenças entre analistas em formação, IPSO poderia ter uma informação mais clara a respeito.

Mas também há um fator a se considerar, a quantidade de analistas que terminam a formação e ficam como se estivessem em um limbo durante um bom tempo esperando o momento para ser recebido como membros de uma associação.

Alter: *Como vê o papel da América Latina no desenvolvimento da psicanálise mundial?*

Orduz: Apesar do bom clima que contextualiza a relação entre nossas federações e com a IPA, acredito que faça falta um intercâmbio científico de via dupla. Não em termos de colonização, de trazer os expertos de fora, mas sim de diálogo.

Alter: *Quando é que o português será um dos idiomas oficiais da IPA?*

Orduz: No *e-journal* haverá cinco idiomas oficiais, o quinto idioma será o português. Isso é um importante passo, enquanto estamos falando do órgão oficial de comunicação IPA-Federações.

Alter: *Como está o projeto de publicação do Internacional Journal em espanhol?*

Orduz: Como te disse antes, o IJP em espanhol é um projeto de uma empresa privada em associação com a Sociedade Britânica. Não é um órgão da Fepal, nem da IPA. Mas faço outra pergunta: Lemos nossas revistas? Lemos entre nós? Por que não traduzir o que ocorre em outros países europeus ou de outros continentes? Seguir privilegiando o IJP não é continuar nessa relação de domínio com um ente que nem sequer é um órgão representativo do movimento internacional?

Alter: *O congresso da Fepal, em 2016, em Cartagena das Índias, terá como título Corpo. Conte-nos um pouco do desenho que a Fepal está planejando para esse Congresso.*

Orduz: O corpo que queremos destacar é o corpo coletivo. Nos painéis da manhã, a ideia é que estejam as representações das sociedades e/ou grupos da Fepal, os que realizam os relatórios. Vão ocorrer dez painéis simultâneos. Por exemplo, um deles será debatido entre a Sociedade de Brasília e a Associação de Guadalajara. Isto implica que um grupo interno das duas sociedades compartilhem um diálogo e preparem um painel com antecedência. Isto vai gerar um trabalho prévio onde o congresso será o ponto de encontro.

Dentro do congresso, também terá espaço para os trabalhos individuais (sempre compartilhando mesa em forma de painel) e vamos trazer dois convidados estrangeiros: Rousillon e Gomes-Mango.

Queremos que o evento seja entre as 7 da manhã e as 3 da tarde. Para deixar a tarde livre e que possamos desfrutar da cidade de Cartagena e, depois, ver o entardecer, reunidos em tertúlias/conversas, com literatos, artistas, sociólogos e biólogos.²

Alter: *Foi um excelente café da manhã. Vamos continuar o café em Cartagena das Índias, saboreando um café colombiano. Obrigado!*

Tradução: Carlos Eduardo de Oliveira Guedes

² Segundo a Fepal, o Congresso de Cartagena teve 1.142 inscritos. A participação por país foi: Brasil: 534; Argentina: 178; México:114; Colômbia:109; Peru: 70; Venezuela: 14; Uruguai: 30; Chile: 20; Equador: 3;Panamá: 6; Paraguai:8; Estados Unidos:10; Costa Rica: 3; Suíça: 2; Portugal: 5; Itália: 2; Espanha: 3; França: 2; Reino Unido: 4; Alemanha: 3; Nicarágua: 1; Bolívia: 2.
Sendo que candidatos foram 301; membros Fepal, 559; não membros, 210 e estudantes, 49.